



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
CAMPUS AVANÇADO DE PATU – CAP  
DEPARTAMENTO DE LETRAS – DL  
CURSO LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS RESPECTIVAS  
LITERATURAS**

**GERCIVAN DE OLIVEIRA**

**DISCURSOS DE ÓDIO NAS CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DE JAIR MESSIAS  
BOLSONARO**

**PATU/RN**

**2020**

**GERCIVAN DE OLIVEIRA**

**DISCURSOS DE ÓDIO NAS CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DE JAIR MESSIAS  
BOLSONARO**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras - DL, do Campus Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas.

ORIENTADORA: Prof.<sup>a</sup>. Ma. Anikele Frutuoso

PATU/RN

2020

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

O48d Oliveira, Gercivan de

Discursos de ódio nas construções discursivas de Jair  
Messias Bolsonaro. / Gercivan de Oliveira. - Campus  
Avançado de Patu-CAP-UERN, 2020.

47p.

Orientador(a): Profa. M<sup>a</sup>. Anikele Frutuoso.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em  
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Discursos de ódio. 2. Enunciados. 3. Formações  
discursivas. I. Frutuoso, Anikele. II. Universidade do  
Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

**GERCIVAN DE OLIVEIRA**

**DISCURSOS DE ÓDIO NAS CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DE JAIR MESSIAS  
BOLSONARO**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras - DL, do *Campus* Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas.

Aprovado em 08 / 12 / 2020.

Banca Examinadora



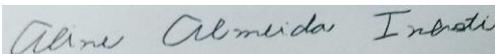
---

Profª Ma. Anikele Frutuoso (Orientadora)  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN



---

Profª Ma. Tatiane Xavier da Silva  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN



---

Profª Ma. Aline Almeida Inhoti  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

À minha família

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, ser supremo e dono do mundo e de todas as criaturas. Graças a Ele que possibilitou saúde e sabedoria, alcancei mais um objetivo de muitos que o estudo já me proporcionou.

À minha mãe, base da minha vida, mãe maravilhosa e rainha. Mulher guerreira e bondosa que sempre esteve ao meu lado, em todos os momentos de alegria e de tristeza. Graças ao apoio incondicional de Dona Sebastiana eu cheguei até aqui.

Ao meu pai, Gonçalo (*in memoriam*), que sempre me dava conselhos pertinentes e eficazes que colaboraram na minha construção como ser humano. Aos meus irmãos, Gracilene, Graciene, Genivam, Maria Aparecida e Maria das Graças, apesar de nenhum deles ter chegado ao ensino superior, todos de uma forma ou de outra me ajudaram nessa caminhada.

À minha orientadora, Anikele Frutuoso, pela paciência, compreensão e incentivo durante a execução deste trabalho e aos demais professores do Departamento de Letras do *Campus Avançado* de Patu-CAP/UERN pelas contribuições durante a minha trajetória acadêmica em todo o curso.

À banca examinadora que dividiram comigo esse momento, contribuindo com os seus conhecimentos e enriquecendo este trabalho.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar a construção dos discursos de ódio nos enunciados de Jair Messias Bolsonaro em uma publicação da revista Carta Capital. Nesse sentido, buscou-se entender como são constituídas as estratégias linguístico-discursivas do sujeito discursivo Jair Bolsonaro a partir da análise de onze enunciados selecionados da reportagem digital no sítio da revista. Especificamente, identificar as formações discursivas no discurso de Bolsonaro, verificando os efeitos de sentidos construídos nos enunciados, analisando ainda as estratégias discursivas de Jair Bolsonaro na propagação de discursos de ódio. Para tanto, utilizou-se como embasamento teórico os estudos discursivos na perspectiva de Foucault (1996; 2002; 2006), Glucksmann (2007) Sargentini(2015), Schafer; Leivas e Santos (2015) e outros. O *corpus* desta pesquisa constitui-se de onze enunciados retirados da revista digital *Carta Capital* publicados no ano de 2018. Para isso, nosso trabalho se utiliza de uma abordagem qualitativa de cunho descritivo-interpretativista, com intuito de interpretar e compreender os fenômenos abordados. Diante dos enunciados analisados, percebemos que a posição do sujeito discursivo presidente perpassa por vários fatores do contexto histórico-social, que imbuídas das estratégias linguístico-discursivas e dos efeitos de sentidos, marcam as formações discursivas do sujeito Bolsonaro. Nisto, percebe-se que muitos dos enunciados analisados têm o objetivo de denegrir a imagem de algo ou alguém, manifestar uma condição de ódio, ou uma vontade de verdade explícita pelo sujeito enunciatador. Nesse contexto, a mídia é um campo no qual acontece esse 'espetáculo' de propagação dos discursos, por isso, os enunciados presentes nas reportagens desse meio, de certa forma evidenciam a figura de Jair Messias Bolsonaro, sendo suportes essenciais para a circulação do poder. Da mesma forma, entendemos que as posições dos sujeitos enunciatadores são movidas pelas estratégias linguístico-discursivas em um dado momento histórico para estabelecerem os efeitos de sentidos empregados nos discursos. No caso dos discursos de ódio é a posição do sujeito empregada nessas estratégias como as frases de efeitos que remetem nos enunciados odiosos e intolerantes.

**Palavras-chave:** Discursos de ódio. Enunciados. Formações discursivas.

## ABSTRACT

This research aims to investigate the construction of hate speech in the utterances of Brazilian President Jair Messias Bolsonaro in a publication of the magazine Carta Capital. In this sense, we sought to understand how the linguistic-discursive strategies of the discursive subject Jair Bolsonaro are constituted from the analysis of eleven utterances selected from the digital report on the magazine's website. Specifically, to identify the discursive formations in Bolsonaro's discourse, verifying the effects of meanings constructed in the utterances, also analyzing Jair Bolsonaro's discursive strategies in the propagation of hate speech. To this end, it was used as theoretical basis the discursive studies in the perspective of Foucault (1996; 2002; 2006), Glucksmann (2007) Sargentini (2015), Schafer; Leivas and Santos (2015) and others. The corpus of this research consists of eleven utterances taken from the digital magazine Carta Capital published in 2018. For this, our work uses a qualitative approach of a descriptive-interpretative nature, in order to interpret and understand the phenomena addressed. This way, given the analyzed utterances, we realize that the position of the discursive subject permeates several factors of the historical-social context, which, imbued with linguistic-discursive strategies and the effects of meanings, mark the discursive formations of the subject Bolsonaro. With all this, it is noticed that many of the analyzed utterances have the objective of denigrating the image of something or someone, manifesting a condition of hatred, or an explicit will of truth by the enunciating subject. Finally, the media is a field in which this 'spectacle' of the spreading of discourses takes place, therefore, the utterances present in the reports of this field, in a way, show the figure of Jair Messias Bolsonaro, being essential supports for the circulation of power. Likewise, we understand that the positions of the enunciating subjects are moved by linguistic-discursive strategies at a given historical moment to establish the effects of meanings used in the discourses. In the case of hate speech, it is the subject's position employed in these strategies as the effect phrases that refer to hateful and intolerant utterances.

**Keywords:** Hate speeches. Utterances. Discursive formations.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Efeitos de sentido e estratégias linguístico-discursivas no discurso de Bolsonaro .....	36
---	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1 – ANÁLISE DO DISCURSO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b> .....	<b>13</b>
ANÁLISE DO DISCURSO E ALGUNS CONCEITOS-CHAVE .....	13
PODER E VERDADE EM FOUCAULT .....	17
DISCURSO POLÍTICO MUDIÁTICO .....	20
<i>Alguns aspectos conceituais sobre discurso de ódio</i> .....	21
<b>CAPÍTULO 2 – DISCURSOS DE ÓDIO NA REVISTA DIGITAL “CARTA CAPITAL:” ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS DO PRESIDENTE JAIR MESSIAS BOLSONARO</b> .....	<b>24</b>
FORMAÇÕES DISCURSIVAS, VONTADES DE VERDADE E RELAÇÕES DE PODER NO DISCURSO DE BOLSONARO .....	24
OS EFEITOS DE SENTIDOS E ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS NO DISCURSO DE JAIR MESSIAS BOLSONARO .....	36
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>41</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>43</b>

## INTRODUÇÃO

As redes sociais tornaram-se uma fonte aberta para que as pessoas deem suas opiniões ou discutam, independente de ser positivo ou negativamente. A questão política, por exemplo, é uma das maneiras mais frequentes de nos depararmos com discursos de ódio, já que cada um, tirando a imparcialidade, busca depositar sua opinião em forma de comentário nas mídias sociais.

No campo político, os sujeitos políticos constroem enunciados representando compromissos com a sociedade, propostas, interpretações sobre assuntos de interesse do povo, assuntos polêmicos dizeres estes que imprimidos de verdades, credibilidade do sujeito político e idoneidade moral são perpetuados e instaurados na sociedade pelos meios televisivos e mídias sociais. Dessa forma, é nas relações sociais que valores e discursos são perpetuados.

Nessa perspectiva, é importante pensar os jornais e as revistas interativas como veículos de informação que assumem o papel de divulgar conteúdos políticos para a população principalmente em época de pleitos eleitorais. Mesmo porque já há algum tempo mídia e política possuem relações estreitas e isso permite que veículos midiáticos possam divulgar os diversos discursos construídos e reproduzidos. Cumprindo um papel muito importante que é o de informar os cidadãos sobre propostas e outras informações sobre representantes políticos. Assim, sabendo da grande influência da mídia jornalística; é necessário analisar os enunciados publicados pelas versões *online* desses veículos de informações, como é o caso da revista *Carta Capital*, tendo em vista que nas mais diversas esferas sociais, a mídia tem várias especificidades e funcionalidades, dentre elas influenciarem os leitores na tomada de decisões. A *CartaCapital* é uma revista semanal brasileira de informações gerais fundada em 1994, que teria sido concebida como uma alternativa às outras revistas similares que existiam no mercado. Desde 2001 tem ganhado alguns prêmios do jornalismo brasileiro, o que motivou a escolha da mídia jornalística também foi o fato da revista *CartaCapital* ser marcada por uma linha editorial assumidamente alinhada à esquerda política, o que sugere adotar um determinado ponto de vista contrário a política de direita, não possibilitando afago a esta última postura política.

É papel da mídia, portanto, divulgar os discursos proferidos, sendo através dela que os enunciados alcançam as pessoas. É interessante ressaltar que os sujeitos que enunciam exercem influência sobre outros sujeitos. A exemplo, os enunciados verbalizados por representantes públicos, como os sujeitos políticos alcançam uma repercussão muito grande em redes sociais, jornais e revistas interativas.

Em Análise do Discurso, já existem trabalhos que discutem sobre os discursos de ódio, podemos citar Silva (2016), a autora investigou discurso de ódio contra “nordestinos”, surgido em redes sociais, através de postagens do *tumblr* “Esses nordestinos...” no contexto do primeiro turno das eleições à Presidência do Brasil, do ano de 2014. O resultado da análise permitiu sobretudo, um incômodo personificado em um nome, uma existência real e imaginária através de um sistema de dominação que subjuga e exclui. Ao mesmo tempo, Silva (2016) identificou resistente preconceito quanto à origem nordestina, por vezes entrecruzado com os preconceitos de classe e de raça, que remete à formação cultural brasileira, em particular a uma consciência colonizada.

Em trabalho anterior (OLIVEIRA, 2019), analisamos os discursos de ódio nas redes sociais no contexto das eleições de 2018. Especificamente, esse trabalho analisou a xenofobia e intolerância presentes em postagens selecionadas das redes sociais *Twitter* e *Facebook*. Os resultados da pesquisa constataram que no tocante ao discurso de ódio é a posição sujeito de extrema-direita que estabelecem campos de luta, batalhas que resultam em discursos predominantes e atrelados à força de instituições “disciplinam” a população a seguir condutas sociais instituídas.

Sendo assim, esse trabalho busca responder as seguintes questões de pesquisa: Quais as formações discursivas são construídas no discurso de Jair Bolsonaro? Como se dão os efeitos de sentidos dos enunciados proferidos por Jair Bolsonaro? E quais as estratégias linguístico-discursivas contribuem para os discursos outros? Assim, este trabalho tem como objetivo investigar a construção dos discursos de ódio nos enunciados de Jair Messias Bolsonaro em uma publicação da revista *Carta Capital*, especificamente, identificar as formações discursivas no discurso de Bolsonaro, verificar como se dão os efeitos de sentidos construídos no discurso desse político e analisar as estratégias linguístico-discursivas de Bolsonaro na propagação de discursos outros.

O *corpus* aborda onze enunciados proferidos pelo presidente Jair Messias Bolsonaro ao longo da sua trajetória política, construções discursivas que foram retiradas de uma reportagem publicada pela revista *onlineCarta Capital* em 2018. Foi selecionado um grupo de 11 enunciados de um conjunto de 25 apresentados na reportagem, cada enunciado vinha na publicação da revista carta capital com comentário do editor, fazendo a contextualização do momento histórico em que ocorreram os discursos.

Para o desenvolvimento da pesquisa, o trabalho apresenta a abordagem descritiva e exploratória, pois visa a descrever as características de determinadas populações ou fenômenos, estabelecendo relações entre variáveis (GIL,2008). Portanto, trata-se de pesquisa documental, estabelecida pelos chamados documentos de “primeira mão”, oriundos de fontes diversas e dispersas, sendo que estes ainda não receberam nenhum tratamento analítico, ao contrário da pesquisa bibliográfica.

Esta pesquisa segue os pressupostos teóricos da Análise do Discurso principalmente nos estudos de Foucault (1974;1996;2005),para definições em relação aos conceitos-chaves da abordagem discursiva contemporânea de linha francesa. Apoiamo-nos ainda em Manzano (2018) e Sargentini (2015), usufruímos tambémda teoria de Glucksmann (2015) e Schäfer; Leivas e Santos (2015), pois os estudiosos estabelecem esclarecimentos pertinentes ao tema.

O presente trabalho apresenta no primeiro capítulo “Análise do discurso: pressupostos teóricos,” alguns conceitos-chaves da área da Análise do discurso que fundamentam nossa pesquisa. Também foram abordadas algumas concepções Foucaultianas sobre a dimensão do poder e como esta e as vontades de verdades concentram-se no cerne das relações sociais. Discutimos ainda no capítulo de que forma o discurso político tem circulado na mídia e como essas instâncias têm repercutido os discursos de ódio, dessa maneira enfatizamos as dimensões conceituais desses discursos.

No segundo capítulo “Os discursos de ódio na página da revista “Carta Capital:” Estratégias linguísticas-discursivas do presidente Jair Bolsonaro, realizamos a análise de onze enunciados divulgados na página da revista digitalno ano de 2018 à luz dos objetivos deste trabalho.Dessa forma, a princípio foram discutidas algumas categorias de análise importantes para os objetivos da pesquisa, tais com discurso, enunciado, sujeito e formação discursiva, sendo selecionados

então enunciados que imbuídos da temática em questão pudessem a partir da análise também representarem as citadas categorias, por fim, as Considerações Finais em que apresentaremos os resultados da pesquisa, destacando as contribuições tanto teóricas como sociais possibilitadas pelas interpretações dos discursos de Jair Messias Bolsonaro.

## CAPÍTULO 1 – ANÁLISE DO DISCURSO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

---

Este capítulo apresenta o Referencial Teórico de Foucault (1972;1986;1994;1997) para responder a algumas indagações sobre as ideias mobilizadoras das teorias da análise do discurso, suas faces epistemológicas, categorias de análise e ao mesmo tempo para compreender as relações de poder existentes nos discursos.

Teceremos algumas configurações da historicização da Análise do Discurso, a partir das teorias de Pêcheux e Fuchs (1975) e Pêcheux (1997) atentando para as configurações que foram feitas no interior da AD.

Apresentaremos também discussões em torno do discurso político midiático, apoiando-nos ainda em Manzano (2018) e Sargentini (2015) e finalmente usufruímos da teoria de Glucksmann (2015) e Schäfer; Leivas e Santos (2015) para discutir sobre o fenômeno do discurso de ódio.

### ANÁLISE DO DISCURSO E ALGUNS CONCEITOS-CHAVE

A AD (Análise do Discurso) se caracteriza como uma disciplina e se constitui através da ligação de diversas disciplinas do conhecimento. Tem como proposta ligar âmbitos que vão desde a articulação das ciências sociais, até o estudo de disciplinas como Linguística, Teoria do Discurso e Psicanálise, abordando, assim, as concepções de ideologia, e da linguagem (ORLANDI, 2015).

Fazendo referência à constituição heterogênea da Análise do Discurso, foram articuladas três dimensões de estudo para essa área que procurava “unir” correntes e postular teorias. Pêcheux e Fuchs (1975) abordam da seguinte maneira:

[...] materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias; a Linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo; 2 a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. (PÊCHEUX; FUCHS, 1975, p. 47).

Logo, essa corrente, se assim quisermos chamar, contribui fielmente para que o discurso se torne um fio condutor na produção de sentidos de um determinado

campo. Nesse sentido, a preocupação advinda da construção da Análise do Discurso veio através da necessidade de se construir um processo discursivo que mantivesse, também, relações com a ideologia.

Assim, o discurso está intrinsecamente ligado às condições de produção da história, ou seja, o sujeito o constrói com base em suas vivências, identidades e ideologias. De tal modo, quando optamos por observar e analisar um discurso, sempre teremos que pensar nas condições em que ele foi produzido e na memória presente.

Foucault (1969, p.146) diz que “um discurso é um conjunto de enunciados que tem seus princípios de regularidade em uma mesma formação discursiva”. Isto é, para que um discurso possa produzir efeitos de sentido, faz-se necessário reconhecer toda a formação discursiva que está envolta nessa produção.

É nesse contexto que o discurso também pode ser compreendido como uma necessidade formativa de saberes. Ou seja, em muitos casos irá depender da sua relação com outras práticas não discursivas. Assim, as formações discursivas estão ligadas ao conceito de discurso por se tratarem de algo que “influencia a luta de classes, determinando o que pode ou não ser dito” (SILVA, 2017, p. 56). A luta das mulheres, por exemplo, foi e é algo que faz parte de nossa história, mesmo tendo sido esquecida e apagada por alguns.

Outra categoria de análise que necessita de bastante atenção é o enunciado, visto que é a partir dele que se tratam e são formadas as formações discursivas discutidas anteriormente. Logo, enunciado é o que os gramáticos chamam de frases ou orações; os lógicos de proposição e, neste caso, os analistas do discurso de enunciado. Considerando essa ideia, pode-se dizer que toda frase é um enunciado, mas nem todo enunciado é considerado uma frase, já que as estruturas linguísticas são diferentes.

O enunciado não é, pois, uma unidade elementar que visa somar-se ou misturar-se às unidades descritas pela gramática ou pela lógica. Não pode ser isolado como uma frase, uma proposição ou um ato de formulação. Descrever um enunciado não significa isolar e caracterizar um segmento horizontal, mas definir as condições nas quais se realizou a função que deu a uma série de signos (...) (FOUCAULT, 1986, p. 125).

Neste contexto, trabalhar o enunciado não quer dizer que outras condições possam ser isoladas, mas que esse enunciado permitirá definir outras condições realizadas dentro de uma frase. Assim sendo, o sujeito do enunciado é aquele que produziu diferentes discursos com significação. Não existe enunciado livre, neutro ou independente, mas enunciados que fazem parte de uma série ou um conjunto. “O enunciado é, ao mesmo tempo, não visível e oculto” (FOUCAULT, 1984, p. 126).

Assim, para Foucault (1986, p. 98), o enunciado é:

mais que um elemento entre os outros, mais que um recorte demarcável em um certo nível de análise, trata-se, antes, de uma função que se exerce verticalmente, em relação às diversas unidades, e que permite dizer, a propósito de uma série de signos, se elas estão aí presentes ou não.

Diante disso, o enunciado não deve ser considerado como uma estrutura, mas como uma função que pertence, exclusivamente, aos signos. A partir disto, pode-se decidir se eles fazem sentido ou não, a qual regra se sucedem ou se justapõem, ou de que ato se encontra a ser realizado através da sua formulação (que pode ser escrita ou oral) (FOUCAULT, 1986).

Assim, outra categoria que merece ser conceituada neste trabalho é o sujeito, aquele que se constitui como responsável por seus atos, fazendo com que seus modos de subjetivação estejam ligados as suas formas de comportamento no ambiente em que estão inseridos. É como afirma Foucault (1985) ao citar as relações que os sujeitos estabelecem em sua relação com as ações como ferramentas constitutivas de moral.

O sujeito é um ser que traz consigo intensas lutas ligadas à história e à memória e é cheio de (re)significações, valores; não é estável e aparece em constante movimento. Considerando os múltiplos significados que o termo “sujeito” possui, percebemos que também são várias as concepções usadas pelos estudiosos para falar sobre ele. Na Análise do Discurso, podemos falar em um lugar social e a posição sujeito. Nesse sentido, é aí que compreendemos o sujeito como algo que pode estar em diferentes lugares, assumindo diversos papéis sociais. Para compreender o sujeito, é necessário que se compreendam as várias vozes que estão presentes em sua constituição.

Em linhas gerais, esse sujeito, que pertence a vários lugares, pode ser visto, na concepção de Foucault (2002), como algo que é construído através de relações

entre saber e poder, moldado através de discursos que produzem uma subjetividade. Ou seja, está em constante transformação, sendo ligado, também às várias formas de resistência.

Nessa via de pensamento, ao tratarmos o sujeito como um ser de resistência, isso se dá exatamente porque o sujeito tem a liberdade de resistir. Sob essa ótica, as relações de poder estão intrinsecamente ligadas ao sujeito, pois são essas relações entre os indivíduos que fazem com que os discursos estejam em constante movimento. O poder, assim, não está em um lugar específico, mas em todos os campos da esfera social.

Assim, para Foucault (1994, p. 28), o sujeito:

define sua posição em relação ao preceito que respeita, estabelece para si um certo modo de ser que valerá como realização moral dele mesmo; e, para tal, age sobre si mesmo, procura conhecer-se, controla-se, põe-se à prova, aperfeiçoa-se, transforma-se.

O sujeito constitui-se, mas não é totalmente consciente e nem tem controle dos seus atos, mesmo que seus modos de subjetivação estejam ligados as suas formas de comportamento no ambiente em que estão inseridos. É como afirma Foucault (1985) ao citar as relações que os sujeitos estabelecem em sua relação com as ações como ferramentas constitutivas de moral.

Os discursos são constituídos, desse modo, com relação aos efeitos de sentidos que são imprimidos. Sentidos estes que estão fora do controle do sujeito, mas é afetado pelos sentidos diante das condições de produção. Não somos a origem do discurso, somos assujeitados, pois os sentidos são impregnados de muitas outras vozes. E essas representações são diferentes umas das outras e muitas delas sequer são ditas, por isso os discursos não são inteiramente revelados. “A esse tema se liga um outro, segundo o qual todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um já-dito; e que este já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um "jamais-dito"”(FOUCAULT, 2008, p.28). Ainda segundo este autor, os sentidos são determinados pelas formações discursivas definidas como:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos,

por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* (FOUCAULT, 2008, p.43)

Compreende-se, assim, que o significado de formação discursiva se relaciona com a noção de enunciado e ambos remetem as condições sócio-históricas para a existência do discurso. Do mesmo modo, a compreensão de formação discursiva remete ao significado de acontecimento. O que quer dizer que para compreender a noção de acontecimento devemos considerar que os discursos são concebidos na descontinuidade histórica, em recortes nos quais atribuídos a posições e funções na língua. Essa noção de acontecimento é que permitiu descrever porque um discurso pode ser proferido em um momento e não em outro. Da mesma forma, a sucessão dos instantes do tempo permitem que os discursos possam se relacionar ao passado e ao presente.

Podemos afirmar que uma formação discursiva nunca será homogênea, pois é constituída sobre diferentes enunciados, que são atribuídos a sujeitos heterogêneos. E esse entrelaçamento de discursos já-ditos é denominado pela Análise do Discurso de interdiscurso. Sabemos ainda que os nossos dizeres resultam de um já-dito, pois os nossos discursos já foram ditos por alguém em algum momento. O interdiscurso é, dessa forma, o espaço da memória discursiva, pois os sentidos já ditos retornam para sustentar outros dizeres. Por isso, a memória discursiva permite que o que estava esquecido possa ser acionado para que determinados discursos possam ser compreendidos.

A formação discursiva reflete a formação social e como consequência as coexistências das diferentes disputas discursivas. Com isso, o modo de produção possibilita impactos nas lutas sociais. Nesse sentido, compreende-se que os ideais e representações que dizem respeito aos confrontos de posições do sujeito enunciativo estabelecem relações de poder. Estratégias linguísticas- discursivas que mudam, confrontam-se e alteram-se na linha do tempo, inerente à formação de um enunciado e, portanto hierarquizam idealmente na própria prática do discurso.

## PODER E VERDADE EM FOUCAULT

Conforme Foucault (1972) é o poder quem delimita aquilo que deve ser dito e o que deve ser “apagado,” ou seja, silenciado. É o poder quem conduz os dizeres construídos pelos sujeitos, através dos discursos. E com o tempo, o poder se expandiu em todos os segmentos sociais. Dessa forma, o poder existe em todo

lugar, na família, no trabalho, na escola, entre outros. Onde existir ações entre outras ações, o poder estará presente. É um modo de ação, um ato de conduzir, que permite que indivíduos comandem e sejam comandados.

De acordo com Foucault (2010), o poder está disseminado de modo geral, em todos os setores sociais o poder circula, de um porteiro ao presidente. No entanto, existem diferentes níveis para o poder. O núcleo maior do poder é o Estado, sendo as instituições sociais os poderes periféricos, que Foucault denomina de micro-poderes, principalmente arraigados nas relações de dominação, nas quais sujeitos comuns detêm os poderes periféricos. Esses replicadores dos micro-poderes, muitas vezes, são tão cruéis quanto aqueles que lidam com o macro poder, isto é o Estado, maior local concentrador de poder. De acordo com Foucault (2010):

[...] (o poder é detido por uma classe dominante definida por seus interesses). Imediatamente surge uma questão: como é possível que pessoas que não têm muito interesse nele sigam o poder, se liguem estreitamente a ele, mendiguem uma parte dele? E que talvez em termos de *investimentos*, tanto econômicos quanto inconscientes, o interesse não seja a última palavra: há investimentos de desejo que explicam que se possa desejar, não contra seu interesse – visto que o interesse é sempre uma decorrência e se encontra onde o desejo o coloca – mas desejar de uma forma mais profunda e mais difusa do que seu interesse. E preciso ouvir a exclamação de Reich: não, as massas não foram enganadas, em determinado momento elas efetivamente desejaram o fascismo! Há investimentos de desejo que modelam o poder e o difundem. (FOUCAULT, 2010, p.76)

Neste sentido, o poder controla, determina e disciplina os espaços sociais, com isso é na política, nos discursos e nos “efeitos de verdades,” que a posição de indivíduos inseridos em espaços políticos exerce influência sobre outros sujeitos. O que implica afirmar que a posição sujeito político age objetivamente na produção do poder, tendo como objetivo final obter os efeitos do poder.

O poder se dá por meio da política econômica, quando é denominado poder soberano; em dominação da burguesia, quando Foucault (1985) critica a repressividade e fala de um poder ligado a alguma instância positiva; há também o poder pastorado, em que a verdade é incontestável; e, por fim, o poder pensado nas relações humanas de acordo com o dia a dia. Vale salientar que, mesmo em várias formas, todos são perpassados pelo biopoder, poder sobre a vida ou sobre o corpo.

Essas relações de poder não são fixas ou estáticas, mas sempre estão sofrendo deslocamentos e modificações.

Para Foucault (2004, p. 36) “as relações de poder são sutis, múltiplas em diversos níveis, e não podemos falar em um só poder, mas sim descrever as relações de poder”. Nessa perspectiva, a noção de poder também deve ser entendida como uma ruptura de estruturas políticas e governamentais, por exemplo.

Considerando a verdade, Foucault (1972) diz que verdade e poder não podem estar dissociadas, pois ambas preexistem da natureza social. Assim, a noção de verdade trazida pelo autor está ligada a uma construção social que se materializa através dessas relações de poder, sendo ela própria um mecanismo que serve para disciplinar o comportamento dos indivíduos.

Segundo Foucault (1972), a verdade está ligada às relações de regularidade que produzem as nossas leis e justificam as nossas ações, não existindo conceito de verdade se não há conceito de poder. A verdade pode, então, ser compreendida como um conjunto de procedimentos regulados e justificados, sendo ela também factual, pois é constituída a partir da ação do sujeito, na dinâmica das realidades sociais, cabendo às sociedades o julgamento daquilo que é verdade e do que é falso, do que é moral e imoral, ético e antiético.

Essa verdade se constitui de um ponto de vista que gira em torno da realidade, é por isso que existe o termo “vontade de verdade”, ou, conforme o autor:

para assinalar simplesmente, não o próprio mecanismo da relação entre poder, direito e verdade, mas a intensidade da relação e sua constância, digamos isto: somos forçados a produzir a verdade pelo poder que exige essa verdade e que necessita dela para funcionar, temos de dizer a verdade, somos coagidos, somos condenados a confessar a verdade ou encontrá-la (FOUCAULT, 2000, p. 29).

Portanto, devemos considerar que a compreensão da verdade ocorre quando percebemos os acontecimentos que estão a sua volta. Nisto, é importante que sempre consideremos as tentativas de compreender o seu funcionamento, pois, como afirma Foucault (1972), existe uma “descontinuidade”, pois todas as histórias se constroem não em torno de relações de sentido, mas através de “relações de poder”.

## DISCURSO POLÍTICO MIDIÁTICO

De acordo com Manzano (2018) *apud* (Courtine, [1987] 2006), o discurso político sofreu transformações ao longo da história, que transformaram o espaço de circulação desses discursos e o modo de enunciá-lo. O aperfeiçoamento dos meios de comunicação colocou o discurso político em um espaço espetacularizado, fazendo emergir “uma colagem de imagens e uma performatividade” (COURTINE, [1987] 2006, p. 85)” discursiva.

Essa performatividade é então explorada pela mídia, que faz circular os sentidos empregados nos discursos, construindo e sustentando os diversos saberes hegemônicos, que surgem a partir dos discursos proferidos pelos sujeitos políticos. “Do mesmo modo, essa performatividade passa a ser cada vez mais indissociável e subordinada à imagem do ator político, do indivíduo que assume um lugar e uma função dentro do sistema político.” MANZANO, 2018, p.5).

As mídias digitais representam uma forte aliada na representação e proliferação dos discursos políticos nas mais variadas tendências. Os candidatos, com seus discursos de democracia, tentam acolher as sugestões de seus eleitores e da população, para, assim, construir um discurso que atenda a essas expectativas (SARGENTINI, 2015).

Compreendemos, então, o discurso político midiático como um dos elementos dessa e de que constrói o dispositivo, que, para o caso específico destas análises, será denominado de “dispositivo anticorrupção”. E é a partir dessa compreensão que observamos seu funcionamento na construção de verdade de um tempo histórico (MANZANO, 2018, p. 5).

Com isso, as práticas discursivas midiáticas na sociedade atual constroem sujeitos políticos que, sendo tomados como instrumento de uma luta e movidos pela opinião pública, contribuem para a ascensão e manutenção de forças políticas.

É sobre isso que o discurso político deve ser analisado em consonância com o ambiente em que é proferido. No caso deste, a mídia. Esses meios de comunicação colocaram o discurso político como algo “espetacularizado” e cheio de performances, em que a pessoa que discursa deve sempre chamar atenção de alguém.

O *Twitter*, por exemplo, é considerado uma das redes sociais onde mais se proliferam esses discursos, tornando-se, assim, formas indispensáveis de acesso ao eleitor que a qualquer hora ou local. Ainda conforme Sargentini:

Os microblog's, como o Twitter, e os perfis de Facebook de candidatos têm como seguidores aqueles que já são partidários daquele grupo, ou que estão no polo oposto, mas dificilmente atingem os indecisos ou aqueles que não querem se envolver com o processo. (SARGENTINI, 2015, p. 13)

Nesses perfis, os seguidores ou internautas podem deixar curtidas e comentários, seguir ou deixar de seguir contas a qualquer momento. Essas redes sociais tornam-se uma ferramenta de *marketing*, seja através de fotos ou de textos postados. Para que o discurso político surja de maneira eficaz na mídia digital, outro recurso utilizado são os memes do candidato opositor, ou até mesmo da própria pessoa que está disputando o cargo. Em alguns casos, a proliferação desse meme chega a ser tão grande que discursos de ódio são gerados em torno daquela postagem. As redes sociais oferecem, assim, uma maneira do candidato(a) falar com o povo, seja através de uma mídia jornalística ou das plataformas e *sites*.

Portanto, na próxima seção do capítulo, mostraremos alguns aspectos conceituais que moldam o discurso de ódio, do ponto de vista jurídico. Neste caso, esta discussão torna-se fundamental para entendermos como esses discursos funcionam na sociedade.

### **Alguns aspectos conceituais sobre discurso de ódio**

A expressão “discursos de ódio” vem surgindo nas mídias digitais e, também, sendo bastante problematizada no campo jurídico. Esses discursos são utilizados para segregar, banalizar ou individualizar um sujeito oposto ou inimigo. Rossenfeld(2001) cita em seus trabalhos alguns pontos de vista conceituais para estes traços característicos que se consagraram na mídia por “discursos de ódio”.

O *hate speech in form* (*discurso de ódio na forma*) são consideradas como aquelas manifestações explicitamente odiosas. Já o *hate speech in substance* (*discurso de ódio em substância*) refere-se a outra modalidade do discurso de ódio. Este último vem apresentado de discursos de proteção moral e social. Produz,

assim, falas violentas, preconceitos, discriminação e ódio contra os mais vulneráveis na sociedade.

Quanto aos envolvidos, especialmente no tocante aos grupos atingidos pelo discurso do ódio, de fato, o discurso invariavelmente é direcionado a sujeitos e grupos em condições de vulnerabilidade, que tratamos como grupo não dominante, dentro da perspectiva fornecida pelo Direito da antidiscriminação, o que torna importante analisar a perspectiva fornecida pela Convenção Interamericana contra Toda Forma de Discriminação e Intolerância (SHAFER; LEIVAS E SANTOS, 2015, p. 147).<sup>1</sup>

De outro ponto de vista, pode-se dizer que o discurso de ódio é manifestado através de ideias intolerantes contra pessoas de maior invisibilidade e vulnerabilidade na sociedade. Alguns dos pontos que são considerados para que esse discurso prevaleça são: cor, sexo, idade, religião, escolha sexual, entre outros.

Nos contextos de produção dos discursos políticos midiáticos, já são bastante frequentes exemplos do que podemos considerar discursos de ódio, como as discussões em torno das comunidades LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais), alguns discursos proferidos na mídia sobre esse assunto como modo de refutação das comunidades LGBTs, frases de efeito que podem ser consideradas discursos de ódio.

O discurso de ódio, nessa perspectiva, aciona o pânico moral, pelo medo coletivo de uma mudança social que prejudique o grupo que se está representando, como esclarece Richard Miskolci (2007), e dominante em relação àquilo que se quer manter. Ao mesmo tempo, deve identificar um inimigo e estimular contra este a intolerância e, conseqüentemente, o ódio (SHAFER; LEIVAS E SANTOS, 2015).

Glucksmann (2007, p. 11) defende que “o ódio existe”, que é uma experiência concreta e que “todos nós já nos deparamos com ele, tanto na escala microscópica dos indivíduos, como no cerne de coletividades gigantescas”. Nesse sentido, o ódio é mais que um sentimento, ainda que intenso, profundo e duradouro. Ele se mantém e se perpetua como discurso, o que Glucksmann (2007, p. 12) chama de “discurso

---

<sup>1</sup>Utilizamos alguns conceitos de Shafer; Leivas e Santos (2015) para a discussão dos discursos de ódio. Posto que essas conceituações se consagraram no campo jurídico e são necessárias para a compreensão da pesquisa.

do ódio”:

Com seus ornamentos tradicionais – raiva, cólera, bestialidade, ferocidade – dos quais ele exhibe um arsenal completo, o ódio acusa sem saber. O ódio julga sem ouvir. O ódio condena a seu bel-prazer. Nada respeita e acredita encontrar-se diante de algum complô universal. Esgotado, recoberto de ressentimento, dilacera tudo com seu golpe arbitrário e poderoso. Odeio, logo existo (GLUSCKSMANN, 2007, p. 12).

Para Glucksmann (2007, p. 15), o ódio não é um fenômeno irracional, restrito ao campo dos sentimentos obscuros, mas sim um “discurso”, ou seja, mesmo que exista de forma má e astuciosa, ele precisa de argumentos para que possa existir.

É no sentido de entender como esses discursos de ódio são formados, que, a seguir, iremos compor nossa análise. E isso se dá de uma maneira que possamos entender, na prática, quais os aspectos que mais influenciam na construção destes discursos.

## **CAPÍTULO 2 –DISCURSOS DE ÓDIO NA REVISTA DIGITAL “CARTA CAPITAL:” ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS DO PRESIDENTE JAIR MESSIAS BOLSONARO**

---

Neste Capítulo, apresentamos a análise empreendida com base nos pressupostos de Análise do Discurso. A análise está organizada nos seguintes tópicos de trajeto temático: a) Formações discursivas, vontades de verdade e relações de poder no discurso de Bolsonaro e b) Os efeitos de sentidos e estratégias linguístico-discursivas no discurso de Jair Messias Bolsonaro. Os enunciados apresentados aqui foram retirados de páginas na Internet, em que selecionamos as que mais estivessem ligadas às categorias de análise discursivas pretendidas.

Formações discursivas, vontades de verdade e relações de poder no discurso de Bolsonaro.

De acordo com Foucault (1974), cada sociedade apresenta discursos que são tomados como verdadeiros. Ainda sanciona mecanismos que estipulam quais enunciados são falsos e quais funcionam como discurso verdadeiro. Nesse sentido, na sociedade circulam determinados discursos tidos como verdades. Diante disso, podemos afirmar que não existe verdade no discurso, o que existem são vontades de verdade, ou seja, o que é tido como verdade por um sujeito pode não ser para outro.

Portanto, é sabido que o poder é uma ação que age sobre outra ação. Tal condição se deve ao fato de uma maior circulação dos efeitos do poder. Atualmente, a relação de poder não se resume apenas a patrão e empregado, o poder se expandiu em todos os segmentos sociais. Dessa forma, o poder existe em todo lugar: na família, no trabalho, na escola, entre outros. Onde existir ações entre outras ações, o poder estará presente.

Assim, as formações discursivas estão ligadas ao conceito de discurso por se tratarem de algo que “influencia a luta de classes, determinando o que pode ou não ser dito” (SILVA, 2017, p. 56). Quando citamos, então, os discursos de Foucault,

percebemos toda uma formação que sempre está ligada a relações de poder. Vejamos:

Como já dito, selecionamos um conjunto de 11 enunciados para compor nossa análise, esses enunciados compõem parte de uma compilação de frases de efeito ditas pelo então Presidente Jair Messias Bolsonaro (cf. Anexo A) e que foram organizados pela revista digital Carta Capital em 2018.

A escolha dos enunciados foi orientada por dois fatores: o primeiro que os discursos de ódio mais fortes fossem evidenciados, e o segundo motivo da escolha desses enunciados foi os enunciados que mais evidenciassem as categorias tais como a formação discursiva do sujeito enunciativo Jair Messias Bolsonaro. No enunciado 1, apresentamos discurso do Bolsonaro quando aborda a temática segurança pública.

**Enunciado 1:** “[O policial] entra, resolve o problema e, se matar 10, 15 ou 20, com 10 ou 30 tiros cada um, ele tem que ser condecorado, e não processado” (Segurança pública, 2018<sup>2</sup>).

No que diz respeito à análise do discurso, podemos identificar no enunciado 1, a presença de algumas categorias de análise. A princípio, os dizeres apresentados no discurso de Bolsonaro indicam, que a manifestação das vozes do sujeito discursivo decorre das interações sociais, das quais este sujeito foi constituído. Isso é possível perceber no enunciado 1 constituído pelo sujeito Bolsonaro: “[O policial] entra, resolve o problema e, se matar 10, 15 ou 20, com 10 ou 30 tiros cada um, ele tem que ser condecorado, e não processado” (2018).

Conforme Foucault (2005), podemos pensar na biopolítica, a partir do poder pela vida exercido pela morte/vida do corpo, no sentido de que dizer que um soberano tem direito de vida e de morte do súdito significa, no fundo, que ele pode fazer morrer e deixar viver; em todo caso, que a vida e a morte não seriam fenômenos naturais. Com isso, um governante poderia tanto fazer viver como pode fazer morrer. O direito de vida e de morte só se exerce de uma forma estulta e sempre seria do lado da morte. Em último caso, é porque o soberano pode matar, que ele exerce seu direito sobre a vida. Com as transformações do século XIX, Foucault (2005) destaca que se substituíram esse velho direito de soberania - fazer

---

<sup>2</sup> Segurança pública, 2018.

morrer ou deixar viver – por um outroquase similar, o poder de "fazer" viver e de "deixar" morrer. Direito de soberania que permanece até os dias atuais penetrado no contrato social. No entanto, os governantes não deveriam ter poder sobre a morte, afinal sua missão principal seria proteger a vida das pessoas.

Assim, a constituição do sujeito discursivo se dá através da heterogeneidade, suas experiências nos diferentes papéis sociais isto é, as manifestações de diferentes vozes nas quais o sujeito é constituído, decorrem das interações sociais em diferentes segmentos da sociedade, o que permite a construção também de diversos sentidos implementados nos enunciados dos sujeitos políticos, como no caso de Jair Messias Bolsonaro.

A posição do sujeito discursivo apresentada pelo enunciado 1 “ele tem que ser condecorado e não processado”, parte transcrita que representa a constituição de Bolsonaro como ex-capitão do exército, sendo hoje capitão reformado, por isso, esse sujeito demonstra indulgência não só com a instituição Exército, mas para com outras categorias militares, como a Polícia Militar.

Passamos assim a identificar a presença das formações discursivas do sujeito marcadas no enunciado 2.

### **Enunciado 2**

“Morreram poucos. A PM tinha que ter matado mil” (Segurança pública, 1992)<sup>3</sup>

Percebemos que o sujeito recorre a um momento histórico quando retoma um discurso já dito, no enunciado 2: “Morreram poucos. A PM tinha que ter matado mil”(1992). Nesse enunciado, Bolsonaro faz menção ao “Massacre do Carandiru” ocorrido em 02 de outubro de 1992, no qual policiais militares assassinaram mais de cem detentos para conter uma rebelião no presídio. Bolsonaro revela um posicionamento a favor dos agentes de segurança refletindo desse modo a formação discursiva desse sujeito discursivo. Nesse sentido, a partir de uma vontade de verdade, a posição discursiva buscar imprimir um discurso verdadeiro, estabelecido através de efeitos de verdade. Bolsonaro para sustentar essa vontade de verdade e estabelecer um discurso dominante, pauta-se na posição extremista qual é constituído.

---

<sup>3</sup>Segurança pública, 1992.

Nesse sentido, podemos afirmar que são os fatores inerentes ao contexto do sujeito enunciador que determinam os discursos que são manifestados pelos sujeitos discursivos. Logo, a análise dos enunciados no enunciado revela que a voz de Bolsonaro representa parte de um grupo social, no caso, policiais militares, cujas formações discursivas deste grupo social vão de encontro às formações daquele sujeito enunciador, revelando assim, as vontades de verdade estabelecidas por pessoas ligadas ao grupo social Polícia Militar (PM).

Segundo Foucault (1996) são essas vontades de verdades que determinam as relações de poder. Desse modo, as vontades de verdades imbuídas no discurso de Jair Bolsonaro são apoiadas nas instituições de estado, no caso anterior do exército/polícia militar, e Congresso Nacional para interditar outras vozes. É também possível perceber essas vontades de verdade no enunciado 3. Vejamos:

**Enunciado 3:** “Somos um país cristão. Não existe essa historinha de Estado laico, não. O Estado é cristão. Vamos fazer o Brasil para as majorias. As minorias têm que se curvar as majorias. As minorias se adequam ou simplesmente desaparecem” (Religião, 2017).<sup>4</sup>

Mais uma vez podemos analisar na materialidade a presença do gerenciamento da vida, através do biopoder centrado na coerção e normatização do corpo. Para Foucault (2005), seria uma técnica disciplinar sob os corpos individuais que permitiria a separação, alinhamento e vigilância. Assim, percebemos no enunciado 3, a existência de uma posição favorável ao apagamento de uma normatização – daquilo que é instituído enquanto norma – laicidade do estado e também há posicionamentos em favor de normalização de condutas discriminatórias – eliminação do corpo das “minorias” sociais.

No enunciado 3, identificamos marcas das relações de poder em Foucault, pois é identificado o uso dos aparelhos políticos e sociais para a repressão de outras vozes de sujeitos e/ou de outros grupos sociais. “essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos [...]” (FOUCAULT, 1996, p.18). Diante disso, podemos afirmar, assim como Foucault (1996), que as instituições políticas e sociais são suportes essenciais para a manutenção do poder.

---

<sup>4</sup>Religião, 2017.

Os enunciados 1, 2 e 3 apresentam discursos de ódio, uma vez que deliberam na incitação a genocídios, “a PM tinha que ter matado mais,” também com a conivência a condutas autoritárias “ele ter que ser condecorado e não processado.” O discurso de ódio é estabelecido também através da intolerância religiosa, como podemos perceber no enunciado 3 quando o sujeito discursivo condena a laicidade do Estado, enfatizando a importância apenas da presença do Cristianismo, excluindo a liberdade de atuação de outras crenças religiosas.

Para que possamos compreender o enunciado 4 empreendido por Jair Messias Bolsonaro, precisamos também retomar os discursos já ditos através da memória discursiva. No enunciado,4 Bolsonaro fala sobre a ditadura, é possível perceber isso quando retomamos o enunciado:

**Enunciado 4:** “Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff [...] o meu voto é sim” (votação em plenário, impeachment de Dilma Rousseff, 2016).<sup>5</sup>

No enunciado 4, podemos contextualizar que o Coronel Brilhante Ustra foi reconhecidamente um torturador durante a Ditadura Militar, ocorrida no Brasil durante as décadas 1964 a 1985. Nisso, durante parte deste período, Ustra foi comandante do DOI-CODI, órgão que era subordinado ao Exército. Esse órgão ficou conhecido pelo modo como agia contra críticos do Regime Militar, ou seja, erarepressão física, por isso, a menção ao nome do torturador pelo sujeito enunciatador causa aversão às vítimas da ditadura militar brasileira, como foi o caso de Dilma Rousseff, presa e torturada na época.

O Posicionamento de Bolsonaro vai de encontro às formações discursivas de apoiadores da Ditadura Militar, desse modo, além do insulto cometido contra a então presidente do Brasil, os discursos de ódio desse sujeito enunciatador podem ser considerados apologia à tortura, sendo uma clara instigação à violência. A menção a Ditadura também nos fazem pensar no controle político por meio da repressão, também, do corpo, punição que eram cometidas com castigos físicos ou morte do próprio corpo aos críticos do Regime Militar.

Como a própria revista *Carta Capital* destaca (cf. anexo A), a evocação do então deputado federal Jair Messias Bolsonaro ao nome de um reconhecido torturador rendeu um processo no Conselho de Ética da Câmara por quebra de

---

<sup>5</sup>Votação em plenário, impeachment de Dilma Rousseff, 2016.

decoro parlamentar, apesar disso, o processo instaurado contra ele foi arquivado meses depois. Sendo assim, percebemos que desde o período em que era deputado, Bolsonaro tem proferido discursos que retomam o contexto militar, que alicerçam a formação discursiva desse sujeito.

No enunciado 5, apresentamos o discurso proferido por Bolsonaro em relação à tortura e à Ditadura Militar. Vejamos:

**Enunciado 5:** “ele merecia isso: pau-de-arara. Funciona. Eu sou Favorável à tortura. Tu sabe disso. E o povo é favorável a isso também” (Tortura na Ditadura Militar, 1999).<sup>6</sup>

O sujeito enunciator Bolsonaro assume uma posição favorável à tortura, mais uma vez, caracterizando a presença dos discursos de ódio no discurso que profere. Agora, de maneira mais clara, o sujeito discursivo instiga a violência física ao citar que a Comissão Parlamentar de Inquérito deveria utilizar um instrumento de tortura usado durante a Ditadura também para “interrogar” agentes públicos acusados de corrupção. Percebemos assim, que essas formações discursivas trazem uma vontade de verdade explícita no Enunciado 5, remetem ao discurso de ódio.

**Enunciado 6:** “Através do voto você não vai mudar nada nesse país, nada, absolutamente nada! Só vai mudar, infelizmente, se um dia nós partirmos para uma guerra civil aqui dentro, e fazendo o trabalho que o regime militar não fez: matando uns 30 mil, começando com o FHC, não deixar fora não, matando (...)” (Guerra civil, 1999)<sup>7</sup>

No enunciado 6, mais uma vez, o sujeito discursivo evoca à Ditadura Militar, estabelecendo um discurso militarista radical, que insulta e intimida pessoas e grupos de pessoas, como no caso do ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso. Logo, as formações discursivas do sujeito Bolsonaro são constituídas a partir da instituição militar exército, cujos efeitos de sentido possibilitam a proliferação dos discursos de ódio e conseqüentemente com a violência a princípio no plano discursivo. Percebemos, portanto a simbologia do poder sobre o corpo na materialidade linguística, na medida em que de certo modo

---

<sup>6</sup>Tortura na Ditadura Militar, 1999.

<sup>7</sup>Guerra civil, 1999.

os enunciados sugerem que quem teria “direito” de matar seria o Exército e polícia, sendo a morte do corpo humano de forma tirana.

Podemos afirmar, portanto que o avanço do chamado discursos de ódio no campo político é favorecido pela proteção parlamentar, ou seja, a imunidade do alto escalão dos cargos políticos brasileiros permite que alguns deputados, senadores e presidentes tenham plena liberdade de expressão, neste caso, o Bolsonaro.

Ao mesmo tempo, alguns enunciados estimulam o discurso intolerante contra outros sujeitos ou grupos sociais. Os enunciados incitam o preconceito e ofensas, corroborando com o ódio e violência contra posições contrárias e posicionamentos diferentes desse sujeito discursivo. Assim, as vontades de verdades inseridas nos discursos analisados estabelecem a base do poder, que são reforçadas pela posição privilegiada do sujeito enunciatador, sendo que estes enunciados ganham força e se materializam nas interações sociais.

No enunciado 7, (Fechar o Congresso, 1999) temos termos geradores de ódio e que foram proferidos por Jair Messias Bolsonaro:

**Enunciado 7:** “A atual Constituição garante a intervenção das Forças Armadas para a manutenção da lei e da ordem. Sou a favor, sim, de uma ditadura, de um regime de exceção, desde que este Congresso dê mais um passo rumo ao abismo, que no meu entender está muito próximo” (Fechar o Congresso, 1999).<sup>8</sup>

Compreendemos na fala que o presidente diz ser a favor de uma ditadura no Brasil, há mais de vinte anos, desde que o Congresso não esteja a favor. Assim, os efeitos de sentido construídos através deste enunciado vão de encontro ao que Foucault (1979) chama de relações de poder, quando um indivíduo, através do poder que exerce ou pretende exercer sobre algo ou alguém, tenta manipulá-lo, como orienta Foucault (1979,p.182)“Trata-se de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais”.

Percebemos, portanto que há mais de 20 anos, Bolsonaro vem deliberando em favor de um discurso ditatorial, visando intimidar as ações do Congresso Nacional e conseqüentemente extenuar a democracia. Assim, a posição desse sujeito é direcionada a um público que também externiza dessa formação discursiva,

---

<sup>8</sup>Fechar o Congresso, 1999.

voltada para o viés antidemocrático. E muitas vezes esses posicionamentos mediados a exaustão devido ao poder que carrega o sujeito enunciador são tidos como “mitadas”, isto é um neologismo criado para designar um comentário que conquistou muita repercussão na internet. As relações de poder puderam ser, portanto, evidenciadas quando transformaram de certo modo, o sujeito Bolsonaro em um sujeito político mediado. Prova disso foi que durante a campanha presidencial de 2018 foi dado ao Jair Bolsonaro a alcunha de “mito,” devido principalmente a popularidade de seus jargões, clichês, frases de efeitos e “tiradas” que foram transformadas em “mitadas” pelos simpatizantes dessas mesmas estratégias linguísticas- discursivas.

Além dessas estratégias analisadas até aqui, também identificamos a presença dos efeitos de sentidos no discurso do presidente Jair Bolsonaro, caso do enunciado 8, quando cita:

**Enunciado 8:** “Vamos fuzilar a petralhada aqui no Acre. Vou botar esses picaretas para correr do Acre. Já que gosta tanto da Venezuela, essa turma tem que ir para lá” (Discursos contra a oposição, 2018).<sup>9</sup>

O enunciado 8 foi formulado pelo sujeito enunciador durante campanha eleitoral de 2018, na capital do estado do Acre, enquanto empunhava um tripé de câmera imitando uma arma, a voz discursiva afirmou que vai fuzilar toda a “petralhada” e “colocar eles pra correr”, se referindo à ida à Venezuela. Esse comentário possibilita um efeito de sentido agressivo e pretencioso do presidente ao se referir a pessoas que votam de um lado oposto ao seu, no caso, o Partido dos Trabalhadores (PT). Partido de esquerda que governou o Brasil durante dezesseis anos, mas que em 2016, teve a representante Dilma Rousseff cassada, que na verdade foi a culminância de uma série de eventos dramáticos na política brasileira.

Retomando o contexto histórico político ainda, o *impeachment* de Rousseff foi de certo modo consequência de vários desdobramentos da “Operação Lava Jato,” operação de combate a corrupção iniciada no ano de 2014, na qual a grande maioria dos investigados e/ou condenados tinha relações com a classe política, sendo os políticos representantes de grandes partidos, dentre eles o PT, que como governava o país foi o mais prejudicado, gerando uma repercussão negativa e de

---

<sup>9</sup>Discursos contra a oposição, 2018.

certa forma endossou os discursos contra este partido de esquerda. Com isso, no pleito de 2018, houve uma polarização do país entre o candidato do Partido dos Trabalhadores e o candidato de extrema direita Jair Bolsonaro, um confronto de discursos que predominou na eleição do presidente Jair messias Bolsonaro.

O enunciado<sup>8</sup> ataca os políticos do partido opositor do então candidato a presidência, acusando-os de picaretagem, isso é um ato moralmente condenável, como a corrupção, sendo que esses sujeitos deveriam ser expulsos do país. O efeito de sentido empregado no enunciado “petralhada” generaliza todo um grupo político como pessoas desonestas, além de se configurar como um insulto a um grupo social, enquadrando-se mais uma vez como um discurso de ódio, conforme podemos perceber no próximo enunciado:

**Enunciado 9:** “Essa turma, se quiser ficar aqui, vai ter que se colocar sob a lei de todos nós. Ou vão para fora ou vão para a cadeia. Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria” (Discursos contra o PT, 2018) <sup>10</sup>

Por fim, no enunciado 9 exposto pelo sujeito discursivo, percebe-se que os efeitos de sentido vão desde o ódio que ele externa pela oposição, como à referência a cor vermelha da bandeira do PT e dos movimentos de esquerdas, provocação incutida de vontade de verdade que essas pessoas não residissem no Brasil – como se o país pertencesse só aos seus apoiadores. Ao mesmo tempo em que apresenta tom patriótico para empregar uma verdade no discurso, verdade essa que possibilitaria plenos poderes para este sujeito apreciar o destino de uma população.

Considerando a materialização do discurso de ódio do presidente, percebemos um discurso que pode ser considerado como um “dispositivo”, pois utiliza de práticas ditas e não-ditas, além de um conjunto de ideias, atos e práticas que atuam sobre o sujeito na forma de impor o que deve ou não o que as pessoas devem fazer ou como pensar.

Diante disso, o enunciado 9 é submetido ao que Foucault chama de “ortopedia social; controle social” (FOUCAULT, 2011, p. 86), em que o presidente se sente no direito de expor o que acha sem pensar nas consequências ou em quem será atingido com seus discursos de ódio. E é esse controle social que Bolsonaro

---

<sup>10</sup>Discursos contra o PT (Partido dos Trabalhadores).

quer ter sobre a vida das pessoas, principalmente as que não são de acordo com os posicionamentos.

Para tanto, na próxima materialidade a ser analisada, continuaremos a perceber como o presidente ainda atua de maneira agressiva, sobre seus opositores ou aos que não compactuam com os mesmos pensamentos que os seus. Vejamos:

**Enunciado 10:** “Se eu chegar lá, não vai ter dinheiro para ONG. Esses inúteis vão ter que trabalhar” (Direitos humanos, 2017).<sup>11</sup>

Um tema bastante conflituoso para Bolsonaro, que são os direitos humanos, ele cita, no enunciado 10, os organizadores de ONG's como “inúteis”, e que ambos vão ter que trabalhar. Este enunciado gerou muitas polêmicas em todo o Brasil, já que o país é conhecido por ser um forte idealizador da manutenção/criação de ONG's que ajudam em diversas causas sociais. Este discurso também foi considerado de ódio, por denegrir a imagem dos ativistas, pessoas que lutam voluntariamente em uma causa de interesse coletivo, como por exemplo a preservação da floresta Amazônica. O uso da expressão “inúteis” agride todo um grupo social, os voluntários, que são as pessoas que gratuitamente trabalham para a ação das diversas Organizações não governamentais, em prol de promoverem a cidadania, lutam em defesa dos direitos humanos, democracia, política e social. Não querendo financiar a ação dessas organizações, o sujeito político posiciona-se desse modo, contrário a diversas causas sociais, dentre elas a preservação do meio ambiente, deixando claro que em caso de alcançar a presidência da República não apoiaria o trabalho desses grupos.

Essa forma de “poder” e dominação que o presidente manifesta pode ser considerada, também, uma forma de vigilância, já que ele, a todo instante, está observando e captando o que esses ativistas fazem ou como as ONG's são geridas. A vigilância, citada por Foucault (2002), pode ser aplicada à mídia, pois é através dela que o presidente despeja seus comentários frutos de uma vigilância intensa provocada por uma sociedade de poder. Possamos também pensar dessa forma na posição dos discursos da mídia, uma vez que a revista *Carta Capitalé* alinhada a política de esquerda, delibera opiniões no editorial antagônicas a da posição do Bolsonaro, que se volta em torno da política de extrema direita.

---

<sup>11</sup>Direitos humanos, 2017.

Muitos dos discursos de Bolsonaro são marcados pela generalização, como nos casos dos enunciados anteriores e também por frases ilógicas, que carregam efeitos de sentidos, como veremos a seguir:

**Enunciado 11:** “Como eu estava solteiro na época, esse dinheiro do auxílio-moradia eu usava para comer gente” (Auxílio Moradia, 2018)<sup>12</sup>

No enunciado 11 desta materialidade discursiva, o presidente expõe sua opinião sobre o auxílio-moradia, benefício pago ao parlamentar que não ocupa um apartamento funcional. No caso deste enunciado, o presidente foi questionado do porquê de receber um auxílio mesmo possuindo um imóvel próprio em Brasília. O presidente, ainda debochando dos jornalistas, diz que não precisa prestar contas de tudo que gasta, e que com certeza o dinheiro foi gasto em alguma coisa. Diz ainda que como estava solteiro na época, o dinheiro era usado para “comer gente”, se referindo a relações sexuais.

Assim, por ser o presidente e estar a todo tempo visível na mídia ou em outros ambientes, muitas indagações sempre existirão. No entanto, fica a critério do presidente respondê-las com verdade ou com discursos de ódio, sempre presentes em seus discursos políticos. Neste sentido, Foucault (2006 p. 61) chama, mais uma vez, de ‘poder disciplinar’, que nada mais é que “(...) se estar à eventual disposição de alguém, está-se perpetuamente sob o olhar de alguém, ou, todo caso, na situação de ser olhado”. Em um sentido mais amplo, o poder disciplinar define, conforme Foucault (2006, p. 69):

[...] a função sujeito vem se ajustar à singularidade somática: o corpo, seus gestos, seu lugar, suas mudanças, sua força, seu tempo de vida, seus discursos, é tudo isso que vem se aplicar e se exercer a função-sujeito do poder disciplinar. A disciplina é essa técnica de poder pela qual a função-sujeito vem se superpor e se ajustar exatamente à singularidade somática (FOUCAULT, 2006, p. 69)

E esse poder que Bolsonaro quer impor sobre as pessoas a quem ele tanto denigre, ofende. Portanto, é preciso levar em consideração que todos os enunciados proferidos por ele foram construídos através de vários outros enunciados que já

---

<sup>12</sup>Auxílio Moradia, 2018.

foram proferidos ou escritos em outros lugares. “Um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados [...]. Não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados” (FOUCAULT, 2007, p. 110-111). Cada enunciado faz parte de ditos e não ditos pela sociedade.

Assim, é importante considerar o que Foucault (1974) e Courtine (1980), chamam de memória discursiva, visto que é a partir dessa memória que retomamos esses ditos e não ditos, como, por exemplo, quando ele cita as pessoas que trabalham em ONG's como “inúteis que vão ter que trabalhar”, legitimando o pensamento de muitas pessoas quando veem essas ONG's apenas como forma de ganhar dinheiro.

Entre os enunciados produzidos por Bolsonaro, é possível perceber relações de poder, vontades de verdade e formações discursivas.

O discurso de Bolsonaro evidencia, de modo geral, as formações discursivas, que segundo Foucault (1969, p.135), “Um enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo”. A análise de formações discursivas se dá a partir de um momento que construímos algum enunciado, determinando o que deve ou não ser dito, para que, através dele, os acontecimentos venham a emergir.

Em relação às vontades de verdade, Bolsonaro emite enunciados que são apenas o que o presidente acha e considera como uma verdade única e insubstituível. Dizer que o povo é favorável à tortura, ou que a PM (Polícia Militar) deveria ter matado mil, representa uma vontade de verdade considerada por Bolsonaro, como apresentado no enunciado 5.

Por fim, quando falamos sobre as relações de poder, consideramos o poder como algo que alguém possa deter, funcionando por meio de práticas ao ser exercido (FOUCAULT, 1999). Neste sentido, o poder pronunciado através dos enunciados analisados até aqui, nos fazem perceber os discursos de ódio como ferramentas de tentativa de manipulação de um povo, sempre aliados aos desejos expostos pelo sujeito Bolsonaro. Ser favorável à tortura, matar, entre outros, mostram como essas relações de poder são manifestadas.

Na seção 2.2, veremos como os efeitos de sentidos e as estratégias linguísticas-discursivas são manifestadas através dos discursos do presidente. Vejamos:

## Os efeitos de sentidos e estratégias linguístico-discursivas no discurso de Jair Messias Bolsonaro

No Quadro 1, esta seção traz uma síntese dos efeitos de sentidos construídos no discurso de Jair Messias Bolsonaro em seleção de enunciados publicados pela revista virtual *Carta Capital*. Os efeitos de sentido são diversos e se relacionam a construções histórico-sociais abordadas na fala do presidente. Bem como as estratégias discursivas que permitem identificar diversos posicionamentos do sujeito político Bolsonaro. Vejamos:

**Quadro 1**–Efeitos de sentido e estratégias linguístico-discursivas no discurso de Bolsonaro

<b>Estratégias linguístico-discursivas</b>	<b>Efeitos de sentido</b>
“Vamos fuzilar a petralhada”	Vontade de verdade
“Ele merecia isso: Pau-de-arara”	Favorável à tortura
“E o povo é favorável a isso também”	Representante de uma verdade
“Picaretas”	Políticos opositores acusados de corrupção
“Essa turma”	Referência para falar dos políticos do Partido dos Trabalhadores
“Esses inúteis (ONGs) vão ter que trabalhar”	Oposição a grupos sociais específicos
“As minorias têm que se curvar as maiorias”	Ideal de superioridade

Fonte: elaborado para esta pesquisa

No Quadro 1, percebemos alguns enunciados com efeitos de sentido transcritos nos discursos de Bolsonaro. Os elementos a serem observados dizem respeito aos efeitos de sentidos construídos nessas falas, as estratégias linguísticas discursivas presentes em alguns enunciados escolhidos, conseqüentemente as vontades de verdades e formações discursivas inerentes àquelas estratégias. Os

enunciados mostram como os efeitos de sentido colaboram na construção de um discurso de ódio, além de quais enunciados são mais favoráveis às construções discursivas. Ainda permite trazer a condição de emergência e existência dos enunciados analisados.

A partir do momento em que são estabelecidos, os discursos produzem diferentes significados, que vão além dos estabelecidos pelos dicionários, são significados inculcados de efeitos de sentidos que compreendem à realidade política e social dos sujeitos. Os discursos são constituídos, desse modo, com relação aos efeitos de sentidos que são imprimidos. Foi o que constatamos com as estratégias linguístico-discursivas apresentadas no Quadro 1 e conseqüentemente o efeito de sentido empregado pela voz do sujeito enunciatador. Com isso, o emprego do enunciado “Vamos fuzilar a petralhada” revela uma vontade de verdade de Bolsonaro em executar a tiros políticos pertencentes a oposição, especificamente oriundos do PT, discurso enfatizado pelo efeito na expressão “petralhada.” Ao mesmo tempo, o sujeito discursivo utiliza o enunciado “Picaretas” para designar também políticos opositores que agem de má-fé, possivelmente acusados de corrupção. “Essa turma” é também mais uma a estratégia linguístico-discursiva recorrente nos discursos de Bolsonaro para se referir a políticos do Partido dos Trabalhadores (PT). O discurso de repressão contra adversários políticos, com a evocação de expressões que reforçam o desejo de eliminação e limpeza de um grupo social, atenta contra os direitos humanos, caracteriza dessa forma o discurso de ódio.

Percebemos que enunciados como “Vamos fuzilar a petralhada”, “Ele merecia isso: Pau-de-arara” e “E o povo é favorável a isso também” são vontades de verdades que dão suporte e sustentam relações sociais violentas, aliado a isso à posição delegada a Bolsonaro de representante dessas verdades que motivam a propagação de discursos de ódio no meio social. É o poder disciplinador agindo por meio da coerção estabelecida pela posição sujeito político.

As estratégias linguístico-discursivas de Jair Bolsonaro resultam das formações discursivas, que determinam os sentidos empregados por esse sujeito discursivo. Conseqüentemente, os efeitos de sentidos inculcados nos enunciados aqui analisados remetem às condições sócio-históricas para a existência do discurso. Portanto, a posição sujeito de extrema direita delibera um desejo que busca concretizar a partir de uma vontade de verdade, um biopoder que é determinante no

gerenciamento da vida, pautado no poder disciplinador do corpo. Dessa forma, manifestações verbais como as que podem ser observadas nos enunciados são falas que ganham concretude no social, seja para o bem ou para o mal.

Através dos enunciados “Esses inúteis (ONGs) vão ter que trabalhar” e “As minorias têm que se curvar as majorias,” constatamos que os discursos de Bolsonaro se constrói em torno das relações de poder, ao passo em que o sujeito enunciator se posiciona contra os grupos sociais LGBT e ONGs. Fica em evidência então que o poder é aplicado, sobretudo, alicerçado nestas condições políticas e sociais. Bem mais que isso, os indivíduos se constituem a partir dos efeitos do poder. Com isso, os efeitos de sentidos empregados nessas estratégias discursivas de Bolsonaro favorecem à proliferação de discursos intolerantes contra esses grupos sociais específicos. Tendo em vista que esses dizeres apresentam marcas que sinalizam discursos de coerção do outro e então o poder disciplinador empreendido nas palavras provocadoras delimitam os espaços discursivos do outro. Repressão esta que pode ser tomada como discurso-fundador dos discursos de ódio.

Através das análises além de observámos o caráter cruel do discurso de ódio, também podemos identificar as formações discursivas, os efeitos de sentido que permitiram também traçar a posição sujeito político do presidente Jair Bolsonaro. E são as formações discursivas que refletem a formação social e como consequência as coexistências das diferentes disputas discursivas. Nesse sentido, o modo de produção possibilita impactos nas lutas sociais. Desse modo, compreende-se que os ideais e representações que dizem respeito aos confrontos de posições do sujeito político estabelecem relações de poder. Estratégias linguísticas-discursivas que mudam, confrontam-se e se alteram na linha do tempo, inerente à formação de um enunciado e, portanto, hierarquizam idealmente na própria prática do discurso. Entende-se, portanto que as construções discursivas analisadas são permeadas pelas estratégias e pelo poder disciplinador do corpo que acarretam os discursos de ódio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tentativa de desvendar os mistérios envoltos nestas postagens, escolhemos os discursos de Bolsonaro por se tratarem de discursos problematizados pela mídia em geral – no caso dos nossos, de forma odiosa e intolerante. E foi somente através de enunciados expostos e publicados no *site* “Carta capital”, ano de 2018, que muitos enunciados fizeram relação com as categorias de análise pretendidas. Por isso, nosso objetivo principal foi analisar esses discursos de ódio, especificamente proferidos pelo presidente durante sua trajetória política desde deputado federal até a campanha eleitoral.

A partir desse objetivo, indagações foram tecidas e colaboraram para o feitiço do trabalho. Nisto, percebemos que muitos dos enunciados analisados têm o objetivo de denegrir a imagem de algo ou alguém, manifestar uma condição de ódio, ou uma vontade de verdade explícita por Jair Bolsonaro.

Para melhorar nosso trabalho, capítulos introdutórios e teóricos foram escritos, sempre com base nos estudos do discurso de Foucault. Categorias de análise, conceitos da Análise do Discurso de tradição francesa, entre outros, foram alguns dos pontos-chave para o embasamento desta pesquisa. A teorização da AD, no primeiro capítulo, possibilitou-nos compreender toda essa história do discurso e arqueogenealogia de Michel Foucault. E, por mais que os anos tenham se passado desde *A ordem do Discurso*, ainda vemos que seus estudos continuam sendo utilizados nas várias esferas da comunicação. Alguns eixos que nortearam a nossa pesquisa, foram eles: Discurso; formação discursiva; sujeito; as relações de poder e outros.

Nessa vertente, nos deparamos com muitas referências que guiaram a nossa pesquisa, mostrando o funcionamento dos discursos e suas materialidades tão importantes na análise de um enunciado. Desta forma, percebemos a importância de se descrever esses enunciados através dos estudos de Foucault, nesse local midiático que escolhemos trabalhar, navegamos por um mundo indeterminado, e assim nos deixamos levar pelo que mais nos atraiu.

A mídia é, então, o nosso meio de debate e discussões para que toda essa história fosse analisada. Como diz Silverstone (2005, p. 147 apud TAVARES, 2012, p. 214) “a mídia é um processo de mediação. A mídia se faz. Nós a fazemos. E ela é feita por nós”. A mídia é um campo cheio de ideologias, e às vezes, os discursos

proferidos nas postagens desse meio soam como autoritários e opressores – como pudemos perceber em quase todos os casos analisados neste trabalho.

Identificamos que as formações discursivas presentes nos discursos de Bolsonaro se constroem em torno de temáticas em que o Bolsonaro se posiciona a favor e contra, entre as quais: os grupos sociais LGBT, as ONGs, partido opositor PT; favorecimento da tortura, morte de opositores, respectivamente. E que essas disputas discursivas acontecem através das relações de poder. Verificando ainda o uso de efeitos de sentidos nos enunciados, percebemos que os argumentos de Bolsonarose mostraram vazios, por isso emprega os efeitos para imprimir verdades em seu discurso. Ao mesmo tempo, a posição desse sujeito político perpassa por vários fatores do contexto histórico-social, que imbuídas das estratégias linguísticas-discursivas e dos efeitos de sentidos, marcam as formações discursivas do sujeito Bolsonaro.

Através da análise do quadro 1 que traz a síntese das principais estratégias linguísticas discursivas e efeitos de sentidos no discurso de Jair Messias Bolsonaro tivemos como resultado que essas estratégias do sujeito enunciadador apoiam e sustentam relações violentas por meio de vontades de verdade. Tendo em vista que as interações sociais motivam o discurso de Bolsonaro e a propagação do discurso de ódio.

Percebemos ainda que os enunciados são importantes para a constituição dos sujeitos e a manifestação de suas opiniões, sejam elas boas ou ruins. Essa linguagem tão poderosa nos faz sentirmos ligados ao meio digital intrinsecamente. No caso das imagens analisadas, compreendemos que essa linguagem repleta de enunciados chega até nós como uma forma de poder, e por isso a nossa necessidade em resistir, descrever e analisar determinados discursos. Bolsonaro – que foi o sujeito principal deste espetáculo, promove estes discursos como única forma encontrada para impor sua opinião sobre os outros.

Portanto, nosso trabalho também serve como uma fonte de pesquisa para outros trabalhos que possam surgir e que abordem questões ligadas à política, especificamente aos discursos de ódio – sendo que a temática deve ser vista assim como uma condição de emergência e existência.

## REFERÊNCIAS

CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

COURTINE, J. J. **Linguagem, discurso político e ideologia.** [1987] In: COURTINE, J. J. *Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública.* São Carlos: Claraluz, 2006, p. 59 – 86.

FOUCAULT, M. **O sujeito e o poder.** In: DREYFUS, H; RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica.* Tradução de Vera Porto Carrero e Antônio Carlos Maia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 229-293.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **Em Defesa da Sociedade.** Tradução de Maria Ermantina Galvão . São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1974

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** 28 reimpressão. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

GIL, A C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GLUCKSMANN, A. **O discurso do ódio.** Rio de Janeiro: Difel, 2007

MANZANO, L. **Verdade(s) no discurso político midiático: construindo um inimigo público.** UNICOR, 2018.

ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso princípios e procedimentos.** ed, Pontes Editores, Campinas, SP.2015.

OLIVEIRA, G. D. **Xenofobia e Intolerância: discursos de ódio nas redes sociais durante as eleições de 2018.**( TCC):Campus Avançado de Patu ,Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - Mossoró, RN , 2019.

PÊCHEUX M & FUCHS, C. **A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1993.

PÊCHEUX, M. [1997] **Análise Automática do Discurso**. In GADET, F.; HAK, T.(org) uma análise automática do discurso. Campinas: UNICAMP, 1990

REVISTA CARTA CAPITAL. **Bolsonaro em 25 frases polêmicas**. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/> Acesso em 22 setembro 2020

ROSENFELD, M. **Discursos na mídia**. Rio de Janeiro, 2001.

SARGENTINI, V. **Discurso político e redes sociais**. São Carlos, SP: UFScar, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42563/25820> Acesso: 15 de jun. de 2020.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?** Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SCHÄFER, G et al. **Discurso de ódio: da abordagem conceitual ao discurso parlamentar**. Revista da informação legislativa , v. 52, n. 207, p. 143-158, jul./set. 2015. Disponível em: [https://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/52/207/ril\\_v52\\_n207\\_p143](https://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/52/207/ril_v52_n207_p143) Acesso em 13 dez. 2018.

SILVA, M. P. **“Esses nordestinos..”:** **Discursos de ódio em redes sociais da internet na eleição presidencial de 2014**. Dissertação( mestrado):Universidade de Brasília, Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares - Brasília, DF , 2016.

SILVA, F. V. **Egos em evidência: a intimidade na era das mídias digitais**. Tese (doutorado): Programa de pós-graduação em linguística/ UFPB. João Pessoa, 2017.

## ANEXOS

### ANEXO A– Enunciados de Bolsonaro na revista *Carta Capital*

Confirma 25 frases polêmicas do capitão reformado, separadas por temas.

#### DITADURA E TORTURA

##### **“O erro da ditadura foi torturar e não matar” (2008 e 2016)**

Bolsonaro reiterou seu posicionamento sobre a ditadura no Brasil no programa *Pânico*, da Rádio Jovem Pan, em julho de 2016, repetindo a mesma declaração proferida anos antes, em agosto de 2008, em discussão com manifestantes em frente ao Clube Militar, no Rio de Janeiro. O ato na ocasião protestava contra militares que se opunham a uma revisão da Lei da Anistia, a fim de levar à Justiça oficiais acusados de terem cometido crimes durante a ditadura.

##### **“Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff [...] o meu voto é sim” (2016)**

Em votação na Câmara em abril de 2016, Bolsonaro se posicionou a favor do impeachment da então presidente Dilma Rousseff com uma homenagem ao coronel Brilhante Ustra, reconhecido pela Justiça como torturador durante a ditadura militar. Morto em 2015, ele foi comandante do DOI-Codi em São Paulo, um dos maiores centros de repressão durante a ditadura, entre 1970 e 1974.

A fala rendeu ao deputado um processo no Conselho de Ética da Câmara por quebra de decoro parlamentar, mas o caso foi arquivado meses depois.

##### **“Ele merecia isso: pau-de-arara. Funciona. Eu sou favorável à tortura. Tu sabe disso. E o povo é favorável a isso também” (1999)**

Bolsonaro se referia a Chico Lopes, ex-presidente do Banco Central, que na ocasião invocou o direito de ficar calado na chamada CPI dos Bancos no Senado. “Sou favorável, na CPI do caso Chico Lopes, que tivesse pau-de-arara lá”, disse ele em entrevista ao programa *Câmera Aberta*, da Band.

**“Através do voto você não vai mudar nada nesse país, nada, absolutamente nada! Só vai mudar, infelizmente, se um dia nós partirmos para uma guerra civil aqui dentro, e fazendo o trabalho que o regime militar não fez: matando uns 30 mil, começando com o FHC, não deixar para fora não, matando! Se vai morrer alguns inocentes, tudo bem, tudo quanto é guerra morre inocente.” (1999)**

A declaração foi feita também no programa *Câmera Aberta*. Bolsonaro chegou a sugerir o “fuzilamento” do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso em diferentes ocasiões. Em livro, seu filho, Flávio Bolsonaro, explica que a afirmação foi apenas uma alusão a uma declaração do avô de FHC, que teria falado em fuzilar a família real caso ela resistisse ao exílio.

#### FECHAR O CONGRESSO

**“A atual Constituição garante a intervenção das Forças Armadas para a manutenção da lei e da ordem. Sou a favor, sim, de uma ditadura, de um regime de exceção, desde que este Congresso dê mais um passo rumo ao abismo, que no meu entender está muito próximo (1999)**

Discurso na tribuna da Câmara em junho de 1999. No mesmo ano, questionado no programa *Câmera Aberta*, da Band, se fecharia o Congresso caso fosse presidente da República, Bolsonaro respondeu: “Não há a menor dúvida. Daria golpe no mesmo dia. No mesmo dia! [...] O Congresso hoje em dia não serve para nada.”

A declaração teve impacto, e Bolsonaro foi alvo de um pedido de processo por falta de decoro e crime contra a Lei de Segurança Nacional. A ação não foi para frente.

### **OPOSIÇÃO**

**“Vamos fuzilar a petralhada aqui do Acre. Vou botar esses picaretas para correr do Acre. Já que gosta tanto da Venezuela, essa turma tem que ir para lá” (2018)**

Bolsonaro falava em ato de campanha no centro de Rio Branco em setembro. Com o tripé de uma câmera de vídeo, ele simulou segurar um fuzil e disparar tiros. Questionado por jornalistas mais tarde, defendeu ter se tratado de “figura de linguagem, hipérbole”. Ainda assim, a procuradora-geral da República, **Raquel Dodge**, pediu a ele que esclarecesse a afirmação.

**“Essa turma, se quiser ficar aqui, vai ter que se colocar sob a lei de todos nós. Ou vão para fora ou vão para a cadeia. Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria” (2018)**

Bolsonaro se referia aos adversários do PT, com quem disputou o segundo turno das eleições. O discurso, em vídeo, foi transmitido em um telão na avenida Paulista, em São Paulo, durante uma manifestação de seus apoiadores uma semana antes da votação de 28 de outubro.

### **SEGURANÇA PÚBLICA**

**“[O policial] entra, resolve o problema e, se matar 10, 15 ou 20, com 10 ou 30 tiros cada um, ele tem que ser condecorado, e não processado” (2018)**

Em entrevista ao *Jornal Nacional*, da TV Globo, em agosto, o então candidato reforçou seu entendimento, declarado diversas vezes, de que “violência se combate com mais violência”, justificando que criminoso “não é ser humano normal”. Em declarações anteriores, ele já havia dito que “policial que não mata não é policial” e que a “polícia brasileira tinha que matar é mais”.

**“Morreram poucos. A PM tinha que ter matado mil” (1992)**

Sobre o **Massacre do Carandiru**, em 2 de outubro de 1992, em que agentes da Polícia Militar mataram 111 detentos durante repressão a uma rebelião na Casa de Detenção de São Paulo. A frase, uma das primeiras declarações públicas polêmicas de Bolsonaro, veio durante seu primeiro mandato como deputado federal pelo Rio de Janeiro, em resposta à comoção da sociedade diante do massacre e aos protestos indignados de organizações como a Anistia Internacional.

### **RELIGIÃO**

**“Somos um país cristão. Não existe essa historinha de Estado laico, não. O Estado é cristão. Vamos fazer o Brasil para as majorias. As minorias têm que se curvar às majorias. As minorias se adequam ou simplesmente desaparecem” (2017)**

O discurso, gravado em vídeo e publicado no YouTube, foi feito durante um evento na Paraíba em fevereiro de 2017, diante de seus apoiadores.

### **MULHERES**

**“Eu jamais ia estuprar você porque você não merece” (2003 e 2014)**

A frase foi dirigida à deputada **Maria do Rosário** (PT-RS), primeiro durante uma discussão nos corredores da Câmara em 2003, diante de vários jornalistas, depois repetida em 2014, dessa vez na tribuna da Casa. Em esclarecimento ao jornal *Zero Hora* na época, Bolsonaro disse que a colega “não merece (ser estuprada) porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria”.

Em 2015, o então deputado foi condenado a pagar uma indenização de 10 mil reais à parlamentar petista por danos morais. Em relação ao mesmo caso, ele é réu no Supremo Tribunal Federal (STF) por prática de apologia ao crime e injúria.

**“Por isso o cara paga menos para a mulher (porque ela engravida)” (2014)**

Em entrevista ao jornal *Zero Hora*, Bolsonaro sugeriu que o Brasil tem muitos direitos trabalhistas e, por isso, é uma “desgraça ser patrão no nosso país”. “Quando [a mulher] voltar [da licença-maternidade], vai ter mais um mês de férias. Então, no ano, ela vai trabalhar cinco meses”, afirmou. “Quem vai pagar a conta? É o empregador.”

Em 2016, ele reiterou, em entrevista ao programa Superpop, da RedeTV, que “não empregaria [homens e mulheres] com o mesmo salário”. “Mas tem muita mulher que é competente.”

**“Foram quatro homens. A quinta eu dei uma fraquejada, e veio uma mulher” (2017)**

A declaração sobre seus cinco filhos, tachada de sexista, foi umas das diversas frases polêmicas proferidas pelo então deputado do PSC durante uma palestra no Clube Hebraica, no Rio de Janeiro, em abril de 2017. Ele já havia se lançado como possível candidato ao Planalto.

**GAYS**

**“Para mim é a morte. Digo mais: prefiro que morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo” (2011)**

Em entrevista à revista *Playboy*, Bolsonaro afirmou que “seria incapaz” de amar um filho homossexual e acrescentou que ter um casal gay como vizinho desvaloriza imóveis. “Sim, desvaloriza! Se eles andarem de mão dada, derem beijinho, vai desvalorizar”, declarou. “Não sou obrigado a gostar de ninguém. Tenho que respeitar, mas, gostar, eu não gosto.”

**“O filho começa a ficar assim meio gayzinho, leva um couro, ele muda o comportamento dele. Tá certo?” (2010)**

Deputado pelo PP, Bolsonaro fez essa declaração no programa Participação Popular, da TV Câmara, que discutia um então projeto de lei para proibir a punição corporal na educação de crianças. À época, ele fazia parte da Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM) da Casa. Conhecida como Lei da Palmada ou Lei Menino Bernardo, a regra entrou em vigor em 2014.

**“90% desses meninos adotados [por um casal gay] vão ser homossexuais e vão ser garotos de programa com toda certeza”**

A afirmação, em vídeo antigo sem data, foi reproduzida durante uma entrevista de Bolsonaro no programa *Agora é tarde*, da Band, em 2012. Questionado pelo apresentador [Danilo Gentili](#) sobre a fonte daquele dado, o deputado diz não ter “base nenhuma”. “É indiferente”, afirma, sugerindo ser uma “tendência” que filhos de casais homossexuais sejam também homossexuais.

**“Não existe homofobia no Brasil. A maioria dos que morrem, 90% dos homossexuais que morrem, morre em locais de consumo de drogas, em local de prostituição, ou executado pelo próprio parceiro” (2013)**

Em entrevista à minissérie documentário *Out there*, exibida pela emissora britânica *BBC*, Bolsonaro disse ao apresentar Stephen Fry que “a sociedade brasileira não gosta de homossexual”. “Nós não perseguimos. [...] Não gostar não é a mesma coisa que odiar. Você não gosta dos talibãs.” Gay assumido, Fry descreveu o encontro como “um dos mais estranhos e sinistros” de sua vida.

**AIDS**

**“O cara vem pedir dinheiro para mim para ajudar os aidéticos. A maioria é por compartilhamento de seringa ou homossexualismo. Não vou ajudar porra nenhuma! Vou ajudar o garoto que é decente” (2011)**

A declaração foi feita em entrevista à revista *Playboy*. Questionado pelo repórter se ele acredita que a aids é consequência direta da homossexualidade, ele respondeu: “Em grande parte, sim. As questões de mulheres casadas que contraem o vírus, muitas vezes elas pegam pelo marido, que é bissexual e leva para dentro de casa.”

### **INDÍGENAS**

**“Ele devia ir comer um capim ali fora para manter as suas origens” (2008)**

O então deputado se referia ao índio Jacinaldo Barbosa, que lhe jogou um copo de água durante uma audiência pública na Câmara para discutir a demarcação da reserva indígena Raposa/Serra do Sol.

Ao longo da corrida eleitoral, o capitão reformado se mostrou diversas vezes contrário aos direitos indígenas, prometendo acabar com o que chamou de “ativismo ambiental xiita”. “Se eu chegar lá, não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou para quilombola”, disse.

### **NEGROS**

**“Fui num quilombola [sic] em Eldorado Paulista. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Acho que nem para procriadores servem mais” (2017)**

A afirmação, em palestra no Clube Hebraica, no Rio, rendeu a ele uma denúncia apresentada pela Procuradoria-Geral da República pelo crime de racismo e discriminação. Em setembro deste ano, Bolsonaro acabou sendo absolvido das acusações pelo STF. A maioria dos ministros entendeu que, “por pior que tenham sido”, as declarações se inserem na liberdade de expressão. O capitão defendeu que ser contra as reservas quilombolas não é ser racista.

### **POLÍTICAS AFIRMATIVAS**

**“Quem usa cota, no meu entender, está assinando embaixo que é incompetente. Eu não entraria num avião pilotado por um cotista. Nem aceitaria ser operado por um médico cotista” (2011)**

Em entrevista ao programa *CQC*, da Band, Bolsonaro afirmou ser contra cotas raciais por entender que o ingresso em universidades e concursos públicos deve ser por mérito. Em julho deste ano, no programa *Roda Viva*, da TV Cultura, ele reafirmou sua posição, negando que haja uma dívida histórica do Brasil com os afrodescendentes. “Que dívida? Eu nunca escravizei ninguém na minha vida”, afirmou. “O negro não é melhor do que eu, e nem eu sou melhor do que o negro.”

**“Isso não pode continuar existindo. Tudo é coitadismo. Coitado do negro, coitado da mulher, coitado do gay, coitado do nordestino, coitado do piauiense. Vamos acabar com isso” (2018)**

Dias antes do segundo turno, em entrevista à TV Cidade Verde, do Piauí, Bolsonaro reiterou que a política de cotas no Brasil está “totalmente equivocada” e reforça o preconceito, referindo-se a políticas afirmativas de governos anteriores como “coitadismos”.

### **IMIGRANTES**

**“A escória do mundo está chegando ao Brasil como se nós não tivéssemos problema demais para resolver” (2015)**

O então deputado se referia aos “marginais do MST, dos haitianos, senegaleses, bolivianos e tudo que é escória do mundo” que tem pedido refúgio ao Brasil. “Os sírios estão chegando também”, afirmou, em entrevista ao *Jornal Opção*, de Goiás.

### **DIREITOS HUMANOS**

**“Se eu chegar lá, não vai ter dinheiro para ONG. Esses inúteis vão ter que trabalhar” (2017)**

A declaração foi outra que gerou polêmica durante sua palestra no Clube Hebraica, no Rio. Antes, em 2015, ele já afirmara que, se um dia fosse eleito presidente, “o pessoal da Anistia Internacional não mais interferiria na vida interna do país”. Em 7 de outubro, em discurso de agradecimento pela votação no primeiro turno, prometeu “botar um ponto final em todos os ativismos no Brasil”.

#### **AUXÍLIO-MORADIA**

**“Como eu estava solteiro na época, esse dinheiro do auxílio-moradia eu usava para comer gente (2018)**

Em entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo* em janeiro, o então candidato respondia a um questionamento sobre o auxílio-moradia que recebia da Câmara, mesmo tendo imóvel próprio em Brasília. “O dinheiro foi gasto em alguma coisa. Ou você quer que eu preste continha: olha, recebi 3 mil, gastei 2 mil em hotel, vou devolver mil. Tem cabimento isso?”

Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>